

**REZENDE, Sérgio** (Sérgio Peres Rezende, Rio de Janeiro, 9.4.1951). Diretor. Fez sua escolaridade na tradicional instituição de ensino carioca, o Colégio Santo Inácio. Abandonou o curso de direito no terceiro ano. Participou do cineclube do Museu Nacional de Belas Artes e do bairro do Leme. Aluno de cinema em cursos do padre jesuíta Pedro Massoti e de Vicente de Paiva. Com o pai, que projetava e filmava em 16 mm, aprendeu o manejo da câmera Bell & Howell. Seu primeiro curta foi nesta bitola, sendo recusado pelo júri da competição na Maison de France (*Pra não dizer que não competi*). Seguiu-se, já na bitola 35 mm, *Leila, para sempre Diniz*, (co-direção com Mariza Leão), *Opa! O que é que há?*, *PS: te amo*, ganhador do prêmio de Melhor Filme do V Festival Brasileiro de Curta-metragem, e *Como se faz um malandro*, sobre o filme de Hugo Carvana, *Se segura, malandro*.

O primeiro longa-metragem do diretor surgiu em 1980 a partir do projeto de um filme em três episódios sobre o *best-seller* de Eduardo Galeano, *As veias abertas da América Latina*. Rezende começou um episódio sobre o comércio de sangue, que acabou se transformando no documentário autônomo, *Até a última gota*, premiado nos festivais de Gramado, Havana e Manheim (Melhor Filme). No ano seguinte, em co-produção com a Embrafilme, realizou *O Sonho não acabou*, estrelado por jovens atores: Louise Cardoso, Lucélia Santos e Miguel Falabella. A narrativa se centrava na vida de um grupo de jovens moradores de Brasília (o primeiro título era *SQS 109*, isto é, “super quadra sul 109”, denominação dada aos conjuntos habitacionais da cidade), contendo um frescor e uma grande demonstração de empenho por parte dos atores (Miguel Falabella conduziu o papel com muita garra), tornando-se um ponto alto da carreira do cineasta. Recebeu o prêmio especial do júri do Festival de Gramado. Entre 1983 e 1985 foi presidente da Associação Brasileira de Cineastas - ABRACI.

Voltou à direção somente em 1984, tomando como assunto a biografia de Tenório Cavalcanti, um controverso líder populista da cidade de Duque de Caxias, estado do Rio de Janeiro. A narrativa tomava em chave do espetáculo hollywoodiano a carreira do político (vivido por José Wilker), contrapondo-se ao ângulo religioso e populista que Nelson Pereira dos Santos empregara, dez anos antes, sobre tema assemelhado em *O Amuleto de Ogum*. Este ponto de partida marcaria os filmes seguintes de Rezende. Para a realização de *O homem da capa preta*, ele mobilizou três mil figurantes, 20 carros antigos, reconstrução da casa-fortaleza de Tenório e um elenco de primeira linha que o acompanharia em outras películas. O resultado de bilheteria foi excepcional (mais de um milhão de espectadores), recebendo a consagração do Festival de Gramado com o prêmio de Melhor Filme de 1986. Trilhando ainda o tema da violência, lançou o policial *Doida demais*, com Vera Fischer e Paulo Betti (nada sabemos sobre a produção para a televisão inglesa, *Children is waiting* ou *A child from the south*). A marca do espetáculo voltaria nos filmes seguintes *Lamarca*, *Guerra de Canudos* e *Mauá, o imperador e o rei*. O primeiro, retoma o acerto de contas com o regime militar que tinha sido iniciado por Roberto Farias em *Pra frente, Brasil*. O elenco contou com Paulo Betti (*Lamarca*) e Carla Camurati (Iara Iavelberg). O diretor tem como estilo a organização de um processo de referências para o espectador, incluindo a utilização dos mesmos atores e notações sobre outros filmes brasileiros (em *Lamarca*,

Carlos Zara repete o militar patológico de *Pra frente, Brasil*; a cena de tortura do pai de Zequinha lembra *O caso dos irmãos Naves*; o “professor” bêbado e covarde aproxima-se de *Antonio das Mortes*, de Glauber). Ao lado dessas marcações, temos uma ordem de significações imediatas de para a direção do olhar. Quando o general Nilton Cerqueira (José de Abreu), espalha cartazes de Lamarca pela vila, recebe três comentários, e na seqüência apropriada, Lamarca vai aparecer na casa do que dissera “vale mil cruzeiros” de recompensa. A construção de uma mitologia masculina, a coroação dos vários elementos de estilo e construção destes filmes, que já começara com a figura de Tenório Cavalcanti, seguiu com Lamarca, notadamente na cena da morte do guerrilheiro, fuzilado com os braços abertos sobre um tronco, como Cristo (semelhante também à entrada de Zé do Burro na igreja em *O pagador de promessas*).

Segundo Rezende, *Guerra de Canudos* começou a ser elaborado em Londres, durante a montagem do filme passado em Moçambique (*A child from the south*). A produção agora contava com a Sony e a TV-Globo, demonstrando um empenho no espetáculo acessível para o público internacional e doméstico-televisivo. Trabalhando com o mesmo grupo de atores, Wilker, Betti, José de Abreu e Marieta Severo, incluiu Cláudia Abreu, uma espécie de “Salomé punk” pedindo a cabeça do Conselheiro (Wilker) por ter destruído a família Lucena (Betti e Marieta Severo). A visão ortodoxa e ao mesmo tempo heterodoxa do episódio de Canudos, com suas três horas de projeção, milhares de figurantes, cidade cenográfica em Junco do Salitre (região de Juazeiro, Bahia), ao custo total de seis milhões de dólares cruzava diversas influências dentro do cinema clássico hollywoodiano. Glauber Rocha, porém, paira sobre a versão como um fantasma, menos para ser exorcizado, e mais para assinalar ao espectador um terreno conhecido de referências. O resultado de bilheteria foi negativo com seus 655 mil espectadores.

Nos últimos dois filmes o diretor abandonou a linha anterior, construindo narrativas minimalistas de baixo orçamento. O primeiro contraponto apareceu em 2.000, *Quase nada*, trazendo três histórias de vingança. A alternativa continuou na película seguinte, *Onde está você*. Lançado sem qualquer alarde, recebeu uma atenção mínima, como se fosse uma obrigação ser exibido nos cinemas. O elenco de qualidade (Juca de Oliveira, voltando ao cinema depois de anos afastado, José Dumont e José Wilker) mereciam um respeito maior do roteiro e da direção. O resultado desta busca por novos caminhos, o drama rural ou a comédia urbana, está controlado pelos esquemas de produção existentes, sem que se saiba quando haverá a confirmação de um novo sucesso.

Sérgio Rezende é casado com Mariza Leão, com a qual divide, desde a década de 1970, a produtora Morena Filmes.

**JOSÉ INACIO DE MELO SOUZA**

2 laudas, 985 palavras, 5072 caracteres, 6 parágrafos, 82 linhas.

Bibliografia:

Nagib, Lucia. O cinema da retomada. São Paulo, Editora 34, 2003.

Filmografia:

1972, Pra não dizer que não competi, Brasil, cm; 1975, Leila, para sempre Diniz, Brasil, cm; 1976, Opa! O que é que há?, Brasil, cm; 1977, PS: te amo, Brasil, cm; 1978, Como se faz um malandro, Brasil, cm; 1981, Até a última gota, Brasil, LM; 1982, O sonho não acabou, Brasil, LM; 1986, O homem da capa preta, Brasil, LM; 1989, Doida demais, Brasil, LM; 1991, A child from the south, Inglaterra, LM; 1994, Lamarca, Brasil, LM; 1997,

Guerra de Canudos, Brasil, LM; 1999, Mauá, o imperador e o rei, Brasil, LM; 2000, Quase nada, Brasil, LM; 2004, Onde está você, Brasil, LM.  
Fonte: Lucia Nagib, IMDB